

Autorização concedida a Biblioteca Central pela autora Beatriz de Oliveira Alcantara Gomes para disponibilizar a obra gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

#### Referência

GOMES, Beatriz de Oliveira Alcantara. O vazio planejado das cidades modernas: o caso de Brasília. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 6., 2021, Brasília. Disponível em:  
<http://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21668.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.



foto: João Roberto Basul

## **O VAZIO PLANEJADO DAS CIDADES MODERNAS: O CASO DE BRASÍLIA**

*THE PLANNED EMPTINES OF MODERN CITIES: THE CASE OF BRASILIA*

*EL VACÍO PLANIFICADO DE LAS CIUDADES MODERNAS: EL CASO DE BRASILIA*

PATRIMÔNIO, ESCALAS E PROCESSOS

**GOMES, Beatriz de Oliveira Alcantara**

Arquiteta e Urbanista; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

[beatriz.gomes@iphan.gov.br](mailto:beatriz.gomes@iphan.gov.br)

## RESUMO

O presente artigo parte da análise dos anseios dos pioneiros do movimento moderno em incluir na arquitetura e no urbanismo espaços livres, como soluções de fluidez, salubridade e bem estar social. São trazidos para a discussão autores contemporâneos que fazem estudos sistemáticos acerca do que passa a ser chamado “vazio planejado” e, a partir dessa conceituação, busca-se entender a importância do termo para a construção da identidade da cidade moderna. Brasília é tomada como arquétipo desta discussão, por ser cidade símbolo, modelo utópico do desejo moderno, que permite a observação clara das intenções de seu projetista. Além disso, a capital é também arquétipo de intervenções sugeridas às cidades modernas – cujas consequências, não há ainda distância temporal que permita avaliar – como, por exemplo, os riscos de adensamento, verticalização e perda de sua estrutura baseada na predominância do vazio sobre o cheio. Essas discussões levam à conclusão que preservar a identidade das cidades modernas pressupõe preservar também o vazio e as configurações que dele se constituem.

**PALAVRAS-CHAVE:** vazio. Brasília. cidade moderna. preservação.

## ABSTRACT

*The present article is based on the analysis of the aspirations of pioneers of the modern movement to include free flowing spaces as a solution of fluidity, wholesomeness and social well-being in architecture and urbanism. Contemporary authors who make systematic studies about what is called "planned emptiness" are brought to the discussion and, from this conceptualization, we try to understand the importance of the term for the construction of the identity of the modern city. Brasília is taken as the archetype of this discussion, because it is a symbolic city, an utopian model of modern desire, which allows the clear observation of the intentions of its designer. Moreover, the capital is also archetype of interventions suggested to modern cities - whose consequences, there is not yet a temporal distance that allows evaluation - as, for example, the risks of densification, verticalization and loss of its structure based on the predominance of the void over the full. These discussions lead to the conclusion that preserving the identity of modern cities presupposes preserving also the emptiness and the configurations that are constituted from it.*

**KEYWORDS:** void. Brasilia. modern city. preservation.

## RESUMEN

*Este artículo analiza las aspiraciones de los pioneros del movimiento moderno para incluir espacios libres en la arquitectura y en el urbanismo como soluciones de fluidez, salubridad y bienestar social. Los autores contemporáneos referidos en la discusión hacen estudios sistemáticos sobre el término "vacío planificado", concepto fundamental para comprender la construcción de la identidad de la ciudad moderna. Símbolo de la arquitectura moderna, Brasilia es utilizada como el arquétipo de esta discusión. Las intervenciones morfológicas y sociales en la capital de Brasil son modelo para otras ciudades modernas. Densificación, verticalización y cambio de su estructura predominantemente vacía son modificaciones recientes que todavía necesitan tiempo para ser evaluadas. Estas discusiones llevan a la conclusión de que preservar la identidad de las ciudades modernas presupone también preservar el vacío y sus configuraciones.*

**PALABRAS-CLAVE:** vacío. Brasília. ciudad moderna. preservación.

## INTRODUÇÃO

Quando se trata de movimento moderno, é indispensável mencionar sua importância em âmbitos não apenas arquitetônicos, mas sua origem na busca por respostas para questões sociais. A cidade moderna, aquela amplamente baseada no urbanismo racionalista, vai além da proposta de um traçado, ela explora uma nova forma de viver e conviver. A Carta de Atenas, manifesto resultado do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), teve sua versão final redigida em 1941 por Le Corbusier e trouxe em listagem o que seria uma espécie de manual para a confecção da cidade moderna. O documento se propõe a solucionar aflições urbanísticas de um mundo pós-guerra onde se clamava por melhorias de qualidade de vida, modernização, funcionalidade e respeito ao ser humano. (FRAMPTON, 2008).

Ao ler tal carta, chama atenção o trecho que coloca explicitamente o sol, a vegetação e o espaço como matérias primas do urbanismo funcional. Ao fazer essa definição, Le Corbusier assume o desejo do movimento moderno por locais mais permeáveis, fluidos e salubres. Essa vontade fundamentada no campo do bem estar social, e não na estética formal, resultará em uma das principais características da cidade moderna: o apreço pelos espaços livres, ou seja, o apreço pelo vazio. Apesar de tal palavra sugerir o inexistente, o nulo, o descaso, seu significado leva a outra definição como explica Sabóia:

Diferentemente do significado mais geral de vazio urbano, definido por espaços residuais, áreas intersticiais ou descontinuidades no território metropolitano, o vazio moderno é o espaço planejado caracterizado por extensas áreas entre edifícios isolados ou internamente por grandes espaços projetados com o mínimo de elementos. (SABOIA, 2016, p. 51)

Mesmo que não possuíssem plena consciência da noção de vazio planejado nem conhecessem a sua definição, os modernos já o utilizavam como parte essencial da identidade do urbanismo funcional. O vazio permeia os mais diversos objetivos do movimento moderno, seja no fluxo livre por meio da ausência do muro, seja na entrada do sol e na ampla ventilação por meio da ausência da parede, seja na proposta de cidades jardins e no desfrute dos benefícios da presença significativa de vegetação como consequência da ausência de altas densidades urbanas.

Tais objetivos pontuados na Carta de Atenas representam uma vontade teórica, inalcançável em sua totalidade quando colocada em prática. Ainda assim, essa ideia de urbanismo fundamentou outras tantas que, mesmo preservando uma essência em comum, deram origem à grande diversidade de cidades símbolos do movimento moderno como, por exemplo, Brasília.

É notório que o caso da capital federal representa a tentativa de materialização da utopia urbana moderna fundamentada nos ideais de Le Corbusier e no documento da Carta de Atenas. Palazzo e Sabóia (2012) denunciam a ideia de Brasília como resultado de um projeto puro, construída a partir do nada e executada pela vontade única de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek. Outra crítica é quanto à tentativa da preservação de uma cidade real com base exclusiva em um plano teórico, o que conseqüentemente levaria ao seu engessamento. É nítida a importância de tais discussões, mas é também fundamental o reconhecimento da profunda ligação entre a identidade de Brasília e o plano de Lucio Costa.

É justamente nessa ligação que mora uma característica comum a todas as propostas de urbanismo moderno: o vazio. Portanto, é fundamental para este trabalho discuti-lo e reconhecê-lo nas diretrizes do Plano Piloto como uma forma de evidenciar sua importância para o traçado racionalista e entendê-lo como elo entre as cidades simbólicas modernas.

Ao longo dessa discussão não será questionado como se deram as apropriações dos vazios planejados posteriormente, se eles contribuíram positiva ou negativamente para vivência da cidade. Ainda que seja reconhecida a extrema importância e necessidade de tais discussões, esse artigo tem por objetivo procurar contribuir para o debate acerca do vazio moderno por meio do reconhecimento da sua existência e da defesa de sua preservação por ser ele essência daquilo que caracteriza Brasília e outras cidades simbólicas modernas.



Figura 1 - Presença do vazio na Escala Monumental. Fonte: Bento Viana/ MTur

Durante as décadas de 80 e 90, o mundo presenciou o surgimento de uma onda de interesse de instituições na conservação do patrimônio moderno. São exemplos a criação do DOCOMOMO (Documentation and Conservation of building, sites and neighborhoods of the Modern Movement) e a preocupação do ICOMOS (International Council of Monuments and Sites) com o tema. Dentre as várias discussões levantadas naquele momento, estavam as dificuldades para identificar o patrimônio moderno e compreender suas especificidades. Nesse contexto, acontece o tombamento e, em 1987, o reconhecimento, pela UNESCO, de Brasília como patrimônio mundial.

Hoje, mais de três décadas após o tombamento da capital, a discussão em torno do patrimônio moderno parece ter alcançado certa maturidade. Mesmo que se reconheça o avanço do tema em termos teóricos, é notável que ainda exista um descompasso com relação às medidas de conservação em um âmbito mais prático. Corroborando com essa ideia, Susan Macdonald (2009) afirma:

A conservação do patrimônio do século 20 tem sido caracterizada pela contínua revisão das questões filosóficas e a discussão parece mais circular do que progressiva. Embora muito progresso tenha sido feito, a conservação clara do moderno ainda não é predominante na maioria dos lugares, no âmbito público ou profissional. (MACDONALD, 2009, p. 2)

Como consequência deste descompasso, atualmente, a capital federal, assim como outras cidades modernas, tem recebido propostas de intervenções que possivelmente levariam à sua verticalização e adensamento colocando em risco a essência de sua identidade, centrada no vazio planejado. Portanto, este artigo se justifica na necessidade de se aprimorar o debate acerca do conceito desse tipo de vazio, e de se aprofundar no entendimento da sua função dentro de um traçado urbano moderno, para que dê melhor contorno à necessidade de sua preservação para a manutenção da integridade e autenticidade da cidade moderna.

Retomando o texto de MacDonald (2009), expõem-se aqui três dos diversos pontos que a autora propõe para impulsionar o debate e colocar em prática a conservação do patrimônio moderno, são eles:

1. *Ampliar o escopo do patrimônio do século XX;*
2. *Integrar a identificação das conquistas do século XX em estudos regionais;*
3. *Desenvolver iniciativas de conscientização e participação popular*

Tais pontos orientam estruturalmente este texto, que partirá de uma análise histórica do surgimento do vazio como instrumento urbano. Em seguida, apresentará o vazio como constituinte da identidade de Brasília e, posteriormente, adentrará na questão fundamental referente ao reconhecimento da importância de se preservar o vazio planejado na cidade moderna.

## **DA CARTA DE ATENAS AO PLANO PILOTO**

A Carta de Atenas, como já mencionado, tornou-se síntese do ímpeto moderno. Seu caráter acessível e explicativo possibilitou a difusão do modernismo e a consolidação de um espírito arquitetônico e urbanístico global. Seu texto e suas propostas não focavam em uma localidade específica, pelo contrário, partiram da premissa que os problemas eram fundamentalmente os mesmos em todo o mundo e, conseqüentemente, as soluções também seriam as mesmas.

Para os modernos, o grande problema a ser confrontado tinha raízes em questões sociais, no adensamento desmedido, na falta de salubridade, nas relações entre espaços públicos e privados e no sufocar dos espaços urbanos. Eles desacreditavam na estética pela estética, a arquitetura deveria ter preocupações mais profundas que a forma. Seu resultado plástico seria fundamentado em necessidades humanas básicas e o ornamento não encontraria protagonismo facilmente. (MACDONAD, 2009)

Dessa maneira, a carta chegou ao seguinte postulado: “o sol, a vegetação e o espaço são as três matérias primas do urbanismo”. Essa afirmação alertou para o interesse no vazio planejado como ferramenta urbanística. A solução para a cidade do século XX passou então pelo não ocupar, pela permissão ao vazio e pelo desfrute dos seus benefícios. Para eles a ausência da matéria permitia o livre acesso do ar, da luz, da vegetação, das pessoas e da vida. Dessa forma surgiram as propostas de redução da densidade juntamente com a integração de

amplas áreas verdes livres, pilotis que permitiam o fluxo desimpedido, aberturas que propiciavam a ventilação e iluminação, substancialmente a prevalência do vazio sobre o cheio não só na malha urbana, mas por todas as partes.

Os modernistas acreditavam que essas medidas levariam à arquitetura ideal, à cidade ideal, à sociedade ideal, independentemente de em qual local seriam implantadas. A utopia presente no espírito universalista moderno foi então levada e rapidamente adotada em diferentes países. Enquanto na Europa o movimento brotou por meio da elaboração da sua teoria e pela materialização dos primeiros e importantes projetos, no mundo ele foi ramificado e diversificado alcançando diferentes características.

Nos países emergentes, que passavam por acelerado processo de desenvolvimento, o modernismo encontrou o espaço fértil necessário para ir além das intervenções urbanas e da arquitetura. Foram nesses locais que os modernos encontraram área livre suficiente, poucas críticas às suas intenções e predisposição governamental para altos investimentos públicos em projetos monumentais que não só representassem o novo, mas as conquistas dessas sociedades. Neles, foram possíveis as construções de cidades simbólicas inteiramente baseadas em planos urbanísticos modernos a partir de grandes terrenos livres, onde antes não existiam concentrações urbanas de tamanho significativo. Por terem esse propósito ilusório de serem imaculadas, essas cidades puderam propor de se voltar para o futuro, sem o peso do passado, se tornaram assim vitrine da urbe do século XX, carregaram consigo as diretrizes da Carta de Atenas e romperam com o antigo, abrigando a alma da arquitetura e do urbanismo moderno.

O Brasil, que na década de 50 do século passado era dirigido com base em um plano de metas que prometia 50 anos de progresso em cinco anos de realizações, abraçou a proposta modernista de Lucio Costa para a criação de uma nova capital federal que estaria à altura do então acelerado desenvolvimento do país. Ao analisar “Registro de uma Vivência”, autobiografia de Costa (2018), fica explícita a já sabida admiração do urbanista brasileiro por Le Corbusier e a parceria que se deu entre eles no decorrer de suas carreiras. É narrado em suas páginas, mais especificamente no texto “Razões da nova arquitetura”, de 1934, a defesa pela ruptura com a velha arquitetura e o acolhimento do modernismo, chamado no texto de nova arquitetura. No último parágrafo, o autor sintetiza o comportamento universalista do modernismo e assume suas adaptações: “Porque, se as formas variaram – o espírito ainda é o mesmo, e permanecem, fundamentais, as mesmas leis.” (COSTA, 2018, p. 116)

Esse texto, escrito quase 30 anos antes da inauguração de Brasília, antecipa o propósito arquitetônico da capital federal. A cidade, que deveria ser a representação de um período de progresso, deveria ser também a síntese do que se esperava do movimento moderno brasileiro na arquitetura e no urbanismo. Portanto, seu plano piloto é de espírito universal, mas sua forma é singular e nacional.

Mesmo idealizada em um segundo momento do movimento moderno - quando o projeto arquitetônico se desvinculou do conteúdo social - Brasília foi resultado da preocupação com o bem estar coletivo. Lucio Costa se aproximou de Le Corbusier e da Carta de Atenas para propor uma cidade onde o vazio se sobrepuja ao cheio. Onde ele acreditava que o urbanismo e a arquitetura guiariam o Brasil em direção ao progresso não só econômico, mas também social. Hoje, por mais que sejam reconhecidas inconsistências no sonho da época, Brasília se mantém prova viva da utopia moderna por meio de seus espaços constituídos.

## **SOBRE BRASÍLIA E SOBRE O VAZIO**

Brasília é cidade viva em constante transformação. Sua existência começa antes do traçado regulador e se estende muito além do que foi sonhado para ela. Contudo, parte da sua identidade estará sempre enraizada na teoria do seu plano piloto e nas convicções de Lucio Costa. Afinal, embora tenha alcançado vida além do projeto, sua concretização inaugural, aquilo que ainda hoje é chamado de Plano Piloto, buscou seguir de forma fiel e na medida do possível, o projeto vencedor do concurso da nova capital.

A proposta dessa cidade manteve a essência do modernismo ao se apropriar do vazio para seu planejamento. A confirmação dessa apropriação pode ser centrada inicialmente no tecido urbano que foi extensivamente criticado por Holston (1993) em “Cidade modernista: uma crítica de Brasília”. O autor confirma o uso e predomínio do vazio sobre o cheio urbano:

Na cidade pré-industrial, as ruas são lidas como vazios figurais e os edifícios como um fundo contínuo. Na cidade modernista, as ruas aparecem como um vazio contínuo e os edifícios são figuras esculturais. (HOLSTON, 1993, p. 130)

O uso do espaço livre não esteve presente somente na inversão da ordem dos cheios e vazios denunciada por Holston. Ao analisar o depoimento de Lucio Costa (2018) em “Brasília Revisitada”, percebe-se nas recomendações do autor o esforço da manutenção dos vazios planejados por meio da defesa a permanência da volumetria da cidade. Nesse documento, além da reivindicação da manutenção do sistema dos pilotis, dos gabaritos e taxas de ocupação que favorecem o céu desimpedido e a predominância dos espaços livres e permeáveis, o urbanista também defendeu a escala bucólica como forma de manutenção do caráter de cidade-parque dado à capital. Tal escala será mais bem discutida em parágrafos seguintes, mas, no momento, é importante entender que ela, juntamente com os outros elementos descritos, é parte daquilo que constitui o conceito do vazio planejado essencial à identidade da cidade.

Assim, conclui-se que Brasília sem o vazio de seu plano piloto, não é Brasília. A manutenção desses espaços livres é o que confere ao plano piloto matéria prima para a construção de sua identidade enquanto cidade de traçado moderno. É também por meio do vazio que a cidade alcança a sua singularidade enquanto projeto urbanístico de cidade-parque e sua monumentalidade enquanto capital.

## **O PATRIMÔNIO URBANO E A CIDADE MODERNA SÍMBOLO**

Até meados do século XIX, a cidade era vista como o local de abrigo para monumentos arquitetônicos. Somente a partir da revolução industrial e da transformação da cidade antiga que se iniciou a proliferação do interesse pela investigação do traçado urbano como patrimônio. Foi também nesse momento que surgiu o movimento moderno e sua crítica às cidades históricas. Para os modernos a cidade antiga era obsoleta e, portanto poderia abrir mão de sua existência para dar lugar a novas configurações urbanas e arquitetônicas que, segundo eles, seriam periodicamente reinventadas e atualizadas, com o olhar voltado para o futuro e para as necessidades humanas. Por meio dessa concepção, a cidade moderna não só propôs resolver os problemas típicos das urbes realizadas até então como também assumiu para si a característica da efemeridade. Entendeu que sua existência e função seriam finitas assim como traçados anteriores foram. (CHOAY, 2017)

Parece, portanto, incoerente falar em preservação de uma tipologia de cidade que foi fundamentada na crença da obsolescência e da superação como consequência do transcorrer do tempo. Porém, essa pauta levantada pelos arquitetos e urbanistas modernos ocorreu paralelamente, ainda que em sentido contrário, às discussões acerca da cidade como objeto ao qual é atribuído valores históricos, artísticos e educacionais, ou seja, o reconhecimento do patrimônio urbano e a busca por sua conservação. O amadurecimento dessa temática proporcionou não somente a preservação das cidades históricas tradicionais – ponto precursor dos debates acerca do tema – mas também criou a base para a posterior inclusão dos recentes debates acerca da conservação das cidades modernas. Essas, muitas vezes reconhecidas por simpatizarem com um espírito efêmero, provam hoje que os valores atribuídos a um bem são mutáveis e tendem a se transformar podendo dar nova significância a ele e, inclusive, contrariar a própria proposta original do objeto. Assim, a cidade que antes era moderna e se propunha momentânea, transforma-se e passa a ser reconhecida por valores que levam a vontade de sua preservação para gerações futuras.

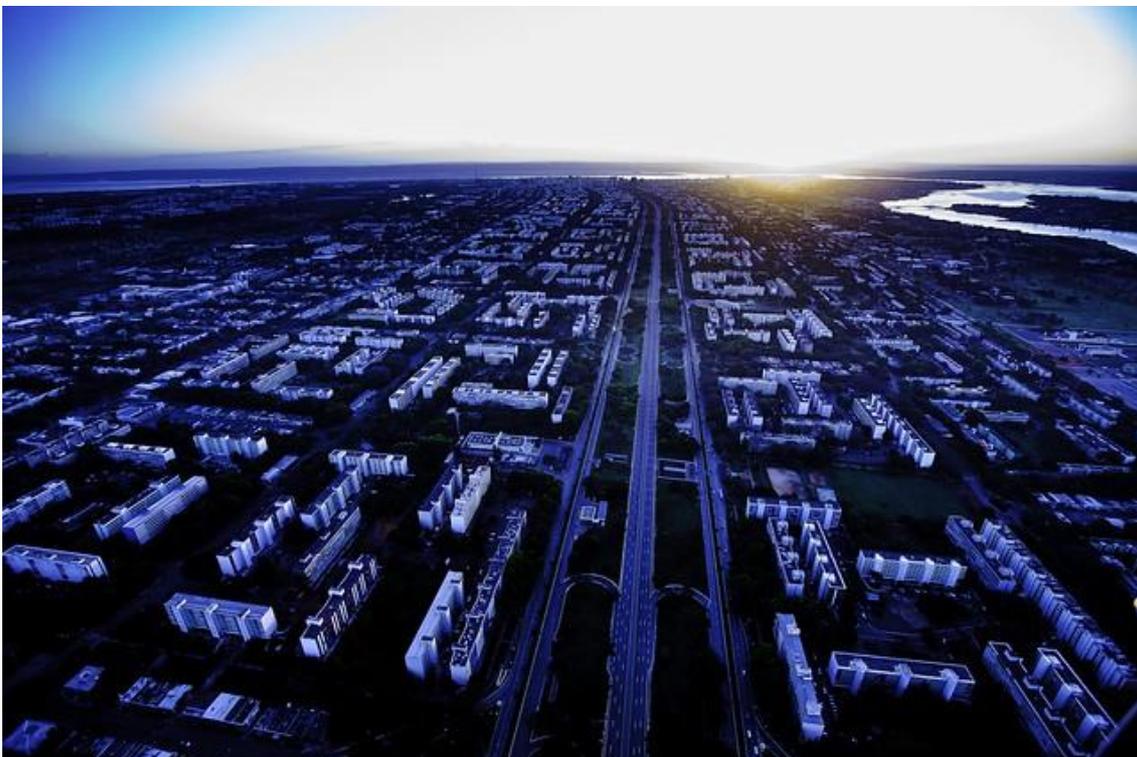


Figura 2 - Escala Bucólica permeando a Escala Residencial. Créditos: Bento Viana/ MTur

A herança moderna a ser transmitida pode variar de acordo com o bem. No caso das suas cidades, os valores atribuídos atualmente são por vezes semelhantes àqueles que antes eram reservados apenas às cidades anteriores ao século XX como, por exemplo, Salamanca, Florença e Praga. Portanto, são valores ligados a transmissão da história, ao modo de se habitar de um período e a necessidade de compreensão do contexto urbano de sociedades anteriores. Dessa forma a vontade de preservação do patrimônio urbano moderno começa a surgir e ser reivindicada, mas com um desafio singular: a curta distância temporal entre o período das suas construções e o período do seu reconhecimento como bem patrimonial.

Na tentativa de contribuição para o tema, sugere-se a seguinte analogia: o entendimento das heranças patrimoniais funciona como um quadro impressionista onde a distância do observador favorece o encaixe das partes e o significado total da pintura ali contida. Nessa

proposição o quadro é, enquanto tela, o elemento articulador das partes da pintura e proporciona, quando olhado de uma distância correta, a compreensão da composição. Enquanto moldura, o quadro é o elemento limitante da pintura, sem sua existência e observação a definição da obra seria inviável. No caso do movimento moderno, e mais especificamente das cidades modernas, esse distanciamento temporal necessário à identificação da coisa ainda é curto e a compreensão das partes é pouco clara mesmo que se saiba da existência e importância da obra. Não se sabe ao certo ainda até onde modificações podem distorcer e/ou prejudicar a identidade da obra.

Quando se trata de cidades simbólicas tombadas, essa problemática é ainda mais profunda devido à complexa e frágil dualidade entre funcionalidade e preservação dos espaços. Nesses casos, o traçado moderno não só está presente na cidade como permeia toda ela por meio do vazio planejado, ou seja, nesses casos o vazio ocupa o lugar do quadro e é o elemento que, visto de certa distância, dará significado a obra e contorno ao espírito da cidade moderna. Porém, as muitas e reais demandas da sociedade contemporânea competem frequentemente com esse espírito modernista. Por um lado porque buscam seu espaço para a atualização dessa identidade moderna. Por outro, porque não sabem ao certo quando termina o moderno e quando se inicia o contemporâneo resultando assim em grande dificuldade de definição e assimilação dos elementos que compõem e dão significado ao bem patrimonial e, como consequência, dificulta o olhar preservacionista uma vez que seus contornos não são bem definidos.

Em Brasília isso fica bem representado pela existência da chamada escala bucólica, a qual muitas vezes é atribuída o caráter residual diante das quatro escalas – bucólica, gregária, monumental e residencial – propostas por Lucio Costa. Essa escala é vista equivocadamente como residual por permear as outras três, como se na falta de uma atribuição específica a determinado espaço fosse proposto a ele a classificação bucólica, coisa sem definição certa, menos prejudicada se modificada tendo em vista a sua falta de clareza. Na realidade, o fato é que a escala bucólica possui função e é elemento fundamental, assim como outros aqui já citados, para a constituição do vazio planejado desejado para Brasília. Voltando a comparação com o quadro, esses elementos estruturantes do vazio são, enquanto molduras, os responsáveis pelos contornos dos monumentos arquitetônicos e da própria cidade. Enquanto tela, eles são os responsáveis pela articulação entre as partes, pela manutenção da coesão do discurso da cidade. Isso significa que preservar a autenticidade da arquitetura e do urbanismo contidos na cidade moderna passa, obrigatoriamente, pela conservação do vazio planejado, ou seja, pela manutenção dos gabaritos, da permeabilidade dos pilotis, da densidade proposta e da escala bucólica.

## CONCLUSÃO

Hoje existe uma acalorada discussão quanto à funcionalidade do tombamento de Brasília. É questionado, e por vezes afirmado, que a preservação do plano piloto tem interferido no desenvolvimento da cidade, o que estaria levando ao engessamento urbano devido à rigidez das medidas preservacionistas tomadas. Com base nesse argumento, as recentes propostas de verticalização e adensamento da cidade podem parecer atrativas e importantes para a funcionalidade da cidade contemporânea. O que é muitas vezes esquecido, devido à já comentada proximidade temporal da criação da cidade com seu reconhecimento como bem patrimonial, é justamente que além de cidade viva e mutável, Brasília é também essencialmente modernista e possui uma série de elementos fundamentais à sua identidade

que mesmo que não sejam completamente definidos – e muitas vezes confundidos – são reconhecidos e devem ser tratados com atenção e cautela para que futuramente, quando a distância do quadro permitir, sejam compreendidos seus significados e melhor fundamentadas intervenções em suas estruturas. Lucio Costa, nesse sentido, defende a cidade ao comentar:

Brasília nunca será uma cidade ‘velha’, e sim, depois de completada e com o correr dos anos, uma cidade antiga, o que é diferente, antiga, mas permanentemente viva.

O Brasil é grande, não faltarão aos novos arquitetos e urbanistas oportunidades de criar novas cidades

Deixem Brasília crescer como foi concebida, como deve ser – derramada, serena, bela e única.(grifo do autor). (COSTA, 2018, p. 317)

Nesse trecho, o urbanista não só resguarda o partido modernista original da urbe por meio da preservação de sua característica “derramada”, remetendo à baixa densidade e a permeabilidade dos vazios, como explica que o extenso território brasileiro permite o convívio das mais diferentes expressões sem que seja necessário prejudicar umas às outras. Desse modo, fica claro que o adensamento e a verticalização da cidade, além de possivelmente desnecessário, torna impossível a conservação do espírito moderno da cidade e prejudica profundamente a sua autenticidade. Portanto, do ponto de vista patrimonial, o que cabe hoje é preservar aquilo que é essencial à identidade do bem para que gerações futuras tenham melhores condições de entender e lidar com as cidades simbólicas modernas. Entende-se, portanto, manter não somente o que hoje já possui contorno, mas também aquilo que guarda a essência do moderno ainda que hoje não possamos defini-lo, apenas identifica-lo.

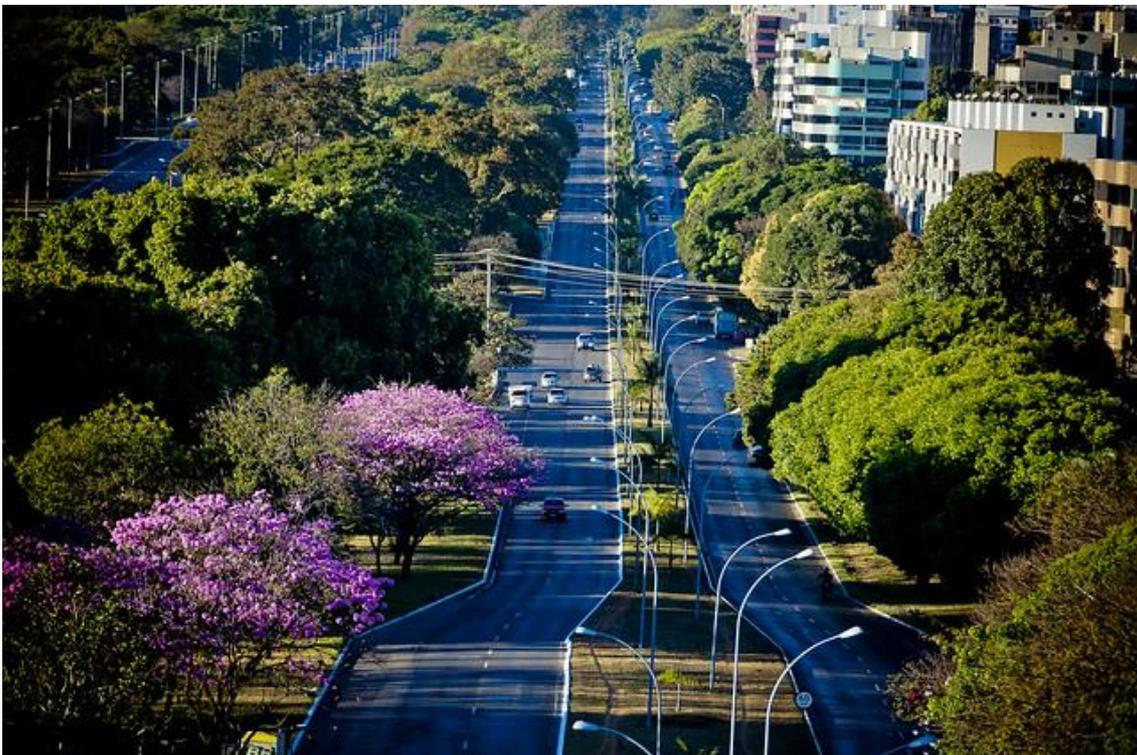


Figura 3 - Escalada Bucólica permeando a Escalada Residencial. Créditos: Bento Viana/ MTur

Na introdução deste artigo foram expostos três pontos propostos por Macdonald (2009), que

agora podem ser retomados e colocados em diálogo com o que foi discutido até aqui:

1. *Ampliar o escopo do patrimônio do século XX*: ao mudar o foco do tradicional patrimônio arquitetônico para se apropriar do urbanismo do século 20, buscou-se diversificar a retórica da conservação do patrimônio moderno provocando a reflexão de problemas nem sempre existentes no campo da arquitetura.

2. *Integrar a identificação das conquistas do século XX em estudos regionais*: ao escolher Brasília como estudo de caso, tentou-se escapar do eixo europeu já amplamente explorado e divulgado para dar enfoque ao cenário local.

3. *Desenvolver iniciativas de conscientização e participação popular*: ao escolher um tema próximo do cotidiano da população do Plano Piloto, julgou-se que o texto deveria ser interessante não somente ao meio acadêmico, mas a todos aqueles que usufruem da cidade.

Tratar do vazio planejado foi a forma escolhida para se avançar no debate, sempre atual, sobre a preservação de Brasília. Como o apontado por Macdonald (2009), o debate acerca do moderno não deve permanecer cíclico, já que o esforço da identificação de novas formas de avanço é intrínseco à sobrevivência da cidade moderna. Desse modo, espera-se que as informações aqui colocadas sirvam ao fomento do tema e, principalmente, à ampliação da conscientização dos valores atribuídos ao Plano Piloto.

Além disto, foi proposto um olhar mais demorado sobre a ausência da matéria e a beleza da sua função no cenário moderno. A cidade que hoje possui mais de três décadas do seu reconhecimento como patrimônio mundial, compõe um cenário maior e merece a perpetuação do seu espírito que, assim como seu vazio, não possui matéria, mas é preenchido de significado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 6 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2017. 288 p.

COELHO, Ana Carolina Canuto. **A Identidade do Eixo Monumental: 1957-2007** – permanências e transformações analisadas por meio dos vazios urbanos. 152 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CORBUSIER, Le. **A carta de Atenas**. Tradução de Rebeca Scherer. 1 ed. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1993. 95 p.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. 1 ed. São Paulo: Editora 34/ Edições Sesc São Paulo, 2018. 656 p.

FRAMPTON, Kenneth. **Storia dell'architettura moderna**. Tradução de Silvia Milesi. 4 ed. Bologna: Zanichelli editore S.p.A, 2008. 510 p.

HOLSTON, James. **Cidade modernista: uma crítica de Brasília e de sua utopia**. Tradução de Marcelo Coelho. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 362 p.

MACDONALD, Susan. **Materiality, monumentality and modernism: continuing challenges in**

**conserving twentieth-century places.** (Un)Loved Modern. Conservation of 20th Century Heritage Conference. Identify. Manage. Conserve. Sidney, Austrália, 2009. Disponível em [https://www.aicomos.com/wp-content/uploads/2009\\_UnlovedModern\\_Macdonald\\_Susan\\_Materiality\\_Paper.pdf](https://www.aicomos.com/wp-content/uploads/2009_UnlovedModern_Macdonald_Susan_Materiality_Paper.pdf). Acesso em junho de 2019.

PALAZZO, Pedro Paulo; SABOIA, Luciana. Capital in a Void: Modernist Miths of Brasília. **Traditional Dwellings and Settlements Review**, v. 239, p. 23-38, 2012.

SABOIA, Luciana. Arquitetura, Vazio Moderno e Espaço Social. **Paranoá (UnB)**, n. 16, p. 51-62, 2016.

SABOIA, Luciana. O vazio moderno e a luta por reconhecimento: (re)configurações da Esplanada dos Ministérios. In: DERNTL, Maria Fernanda; PEIXOTO, Elane Ribeiro. (Orgs.). **Arquitetura, Estética e Cidade: questões da modernidade**. 1 ed. Brasília: Editora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Unb, 2014. p. 222-234.